

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**António Lopes Fontinha**

registada em 2008-09-16  
por

Joana Ribeiro e Jenny Campos



## António Lopes Fontinha

António Lopes Fontinha nasceu no Piódão, a 25 de Agosto de 1933. Os pais chamavam-se Francisco Lopes e Maria da Purificação. Trabalhavam na agricultura, mas o pai ainda trabalhou na construção civil e esteve cinco anos em Lisboa, na construção naval. Tiveram cinco filhos. Foi para a escola aos 7 anos, mas nas horas vagas tinha que trabalhar, ir ao mato e à lenha, tratar das cabras e das ovelhas. Fez a primeira e a segunda classe, depois não havia professora. Já de adulto, com 22 anos, é que fez a terceira e a quarta classe no mesmo ano. O primeiro trabalho foi na agricultura. “Depois, com 16 anos, andava na floresta e na estrada.” Trabalhou algum tempo na resina de pinhal. Depois disso foi para Lisboa, trabalhar na construção naval, durante cinco anos. Mas voltou para o Piódão para trabalhar na construção civil e na agricultura, até que se reformou. Mais tarde, dedicou-se ao comércio. Nascidos e criados “a 20 metros um do outro”, conheceu a esposa desde cedo. “Falava-lhe todos os dias.” Estava em Lisboa há três anos quando casou. A esposa continuou no Piódão, onde nasceram os filhos de ambos. Na aldeia António pertenceu a várias instituições da freguesia e foi presidente da Junta durante 22 anos.

## Índice

Identificação António Lopes Fontinha.....	4
Ascendência "Cada um fazia o seu bocado".....	4
Casa "Casas pequenas e quartos com duas camas".....	5
Infância "Não tinha tempo quase para brincar".....	5
Religião "Tinha que decorar tudo".....	6
Educação "Quando os alunos não andavam a direito, castigavam-nos!".....	6
Percurso profissional "Na aldeia não eram ordenados altos".....	7
Migração "Pensava que ia ganhar mais alguma coisa, mas foi ao contrário".....	8
Ofício "30 anos na Junta de Freguesia".....	9
Orgulho "Das primeiras freguesias com saneamento e luz".....	9
Pessoas Gente que fez pela aldeia.....	10
Namoro "Conhecemo-nos de miuditos".....	10
Casamento "Um fato que servia para vestir futuramente".....	10
Lugar "Era assim que sobreviviam".....	11
Costumes Tradições do Piódão.....	15
Sonhos Uma casa para convívio.....	17
Avaliação "História das pessoas mais velhas".....	17

## **Identificação *António Lopes Fontinha***

O meu nome é António Lopes Fontinha. Nasci no Piódão, a 25 de Agosto de 1933.



**António Lopes Fontinha**

## **Ascendência "*Cada um fazia o seu bocado*"**

Os meus pais chamavam-se Francisco Lopes e Maria da Purificação. Eram naturais do Piódão. Trabalhavam na agricultura, mas o meu pai ainda trabalhou na construção civil. Cada um fazia o seu bocado. Depois o meu pai também esteve cinco anos em Lisboa, na construção naval. Na aldeia não tinha serviço onde ganhasse o ordenado e pensou ir para Lisboa. O que se ganhava no campo não chegava e era duro lá trabalhar. Não havia máquinas, nem entravam máquinas nas terras. Tinha que ser tudo cultivado à mão e à enxada.

Eu tinha um irmão e três irmãs. Éramos cinco filhos.

### ***Casa "Casas pequenas e quartos com duas camas"***

A minha casa era pequenina. Tinha uma loja, um primeiro andar e o segundo. O primeiro andar era uma loja ampla. E o segundo tinha uma cozinha, uma sala e um quarto. Ali vivemos ainda muitos anos. Depois, mais tarde, é que arranjámos outra casa, reconstruímo-la e já tinha mais quartos. Mas eram casas pequenas e quartos com duas camas. Dormiam uns no quarto e outros noutro. O rés-do-chão era mais empregado para debulhar o milho, que naquela altura cultivava-se muito milho, para arrumar as batatas e o que era preciso. Naquele tempo não havia casas de banho. Tinham que ir para o campo fazer o serviço. Para tomar banho, tomavam num bacio qualquer, lavavam-se numa bacia. Não havia chuveiros. Muitas vezes ia-se para uma bica, que caía no barroco, e tomava-se aí banho. Passávamos mais tempo na cozinha, à lareira, e na sala. Era uma cozinha pequena, mas tinha lareira e, por cima, um ripado onde secavam as castanhas. De noite, na dormida, era nos quartos onde se passava mais tempo.

### ***Infância "Não tinha tempo quase para brincar"***

Comecei a trabalhar na agricultura e muito cedo! Aos 7 anos já tinha que andar a trabalhar com a minha mãe e com o meu pai. Quando era pequenino, andávamos na escola e, nas horas vagas, nos recreios e tudo, ainda tínhamos que trabalhar para à noite termos o que era preciso em casa. Antes de ir para a escola, íamos ao mato e à lenha. Depois de sair, tínhamos que tratar das cabras e das ovelhas.

Eu quase não tinha tempo para brincar. Era para trabalhar. Mas, às vezes, juntavam-se os rapazes e as raparigas no largo ao pé da Capela de São Pedro. Aí tínhamos as nossas brincadeiras. Diziam que iam à pina-malha ou ao coque e isto e aquilo. Batiam lá num fardo tantas vezes e a gente, durante aquele tempo, tinha que se esconder. E depois iam à procura. Aquele que encontrasse é que vinha para o castigo depois! Ao coque pediam um cordão e um saltava, os outros iam e apanhavam-no. Corriam uns atrás dos outros, uns escondiam-se, os outros iam à procura deles e assim andavam naquilo! Havia também a chona. Com uma covazita e depois com um pau, batiam na bola, ou num feijão, ou naquilo que tinham, a ver qual é que enfiava no buraco. Eram umas brincadeiras simples.

Naquele tempo havia casais que tinham quatro, cinco, seis, sete e oito filhos. Havia muitas crianças. Quando iam à lenha e ao mato por os oiteiros, juntavam-se rapazes e raparigas. Cada um trazia o seu molho e divertiam-se por o caminho.

## **Religião "*Tinha que decorar tudo*"**

Fui à catequese. No Piódão era o pároco e duas catequistas a ensinarem. Era quase como na escola. Começavam por a Ave Maria, o Pai Nosso, as Misericórdias, os Mandamentos da Lei de Deus e a gente tinha que aprender como na escola. Desde o Pai Nosso até ao resto tinha que decorar tudo. Ainda hoje, à maneira daquele tempo, sei muitas coisas que os novos agora não sabem nada. Nem ligam sequer! Não castigavam quando a gente não sabia, mas faziam-nos ir da segunda vez:

- "Hoje não sabes, mas amanhã tu tens que vir e saber já tudo de cor!"

Pronto, a gente decorava as coisas e ao outro dia sabia. Era ao domingo que íamos à catequese e, às vezes, por a semana. Quando era assim para fazer a Comunhão Solene também davam por a semana. Lembro-me desse dia. Foi uma missa como as outras só que, naquele dia, tinham uma banda, com uma cruz. Era a banda da Cruzada. As raparigas iam de vestido branco e nós íamos mais bem preparados. Então, celebravam a missa e depois, no fim, conviviam uns com os outros. Eram os dias de festa!

Ainda hoje vou à missa. Embora às vezes não pratique tudo, sou católico.

## **Educação "*Quando os alunos não andavam a direito, castigavam-nos!*"**

Fui para a escola aos 7 anos. A escola era onde está a garagem ao pé da igreja do padre. Ao lado da escadaria é que foi os restos da escola antiga. Foi naquela escola que eu fui assentar praça! A primeira vez que eu fui para a escola! Depois alugaram uma casa adiante e, em 1940, é que fizeram a escola em cima.

Mas, naquele tempo, não havia professoras. Vinham estar dois, três meses e iam embora. Tinham que vir a pé 14 quilómetros e mais para chegar à aldeia. Estavam cá isoladas e não tinham comodidades como elas queriam. Portanto, não queria cá estar. Lá ficava a gente sem escola. E assim andei. Fiz a primeira e a segunda classe. Depois de fazer a segunda classe, não havia professora. Ainda fui andar no Chãs d'Égua para fazer a terceira. Fui para lá em Dezembro. Mas, quando foi pela Páscoa, a professora foi-se embora. Já não consegui fazer a terceira classe.

As professoras não eram más. Só faziam a obrigação delas. Quando os alunos não andavam a direito, castigavam-nos! Os pais diziam-lhe:

- "Quando eles as merecerem, a senhora professora não esteja com bases de lhe arrear!"

Às vezes com umas reguadas nas mãos ou com castigo, elas punham-nos mesmo a direito e eles obedeciam! Houve uma professora, já com os meus filhos, não foi comigo, que trazia 62 alunos da primeira à quarta classe. Ora, se ela não lhes castigasse, se eles fossem como agora que fazem o que querem e lhes apetece, como é que ela dava conta dos alunos? Como é que ela trazia aquilo!? Ela não era capaz de os ensinar, porque eles não obedeciam. E assim não. Para onde ela dissesse, eles tinham que ir.

### **"Quando fiz o último exame, já foi aos 23 anos"**

Depois já de adulto, já com 22 anos, é que fiz então a terceira e a quarta classe no mesmo ano. Tínhamos uma professora, que era minha prima, e à noite dava-nos a escola! Eu andava no pinhal a renovar e a colher resina. Quando, às vezes, chegava já de noute, só tinha tempo de dar uma lavadela às mãos e ir para a escola. Às vezes, tanto dormia um aluno como a professora! Mas lá conseguimos fazer então. A terceira em Março e a quarta em Junho. Naquele meio ano, fizéramos dois exames. Quando fiz o último exame, já foi aos 23 anos. Ainda me lembro desse dia. Éramos três e, como ainda há pouco tínhamos feito a terceira, íamos assim:

- "Bem, vamos chumbar..."

Mas depois lá nos desenrascámos. Embora falhasse uma pergunta ou assim, lá respondemos a tudo mais ou menos bem. Passámos! O exame foi em Arganil. Naquela altura, íamos a pé do Piódão para Pomares e lá é que tomávamos o autocarro. São para aí uns 20 quilómetros. Demorávamos a quase três horas. Mas, nesse dia, alugámos um carro e fôramos de carrinha. Mas eu já fui a pé do Piódão para Arganil. Fui tratar das licenças para uma casa que o meu pai reconstruiu. Demorei algumas cinco horas por essas serras fora!

Eu gostava de aprender tudo. Começávamos logo a aprender a Geografia, saber onde é que nasciam os rios, onde é que desaguavam... E saber a História de Portugal, quem foi o primeiro rei de Portugal, quem foi o segundo, quem foi o terceiro, tudo. Aprendíamos logo tudo. Hoje é no nono ano é que ensinam as coisas. Naquele tempo, não. Na segunda e terceira classe tínhamos que saber tudo de cor e salteado! Eu, às vezes, estava no pinhal e andava na mente de estudar a quase o que havia de dizer à noite. A História, a Geografia e Ciência...



## **Percurso profissional *"Na aldeia não eram ordenados altos"***

O meu primeiro trabalho foi na agricultura. Quando o meu pai foi para Lisboa, tinha eu 14 anos, o serviço que ele havia de fazer já fazia eu! E antes já trabalhava ao pé dele também a cavar e a cultivar o renovo.

Depois, com 16 anos, andava na floresta e na estrada. Andei lá algum tempo a cortar mato e a semear e plantar árvores. Trabalhei também algum tempo na resina de pinhal. Tinha de renovar pinhal e colher resina. A gente fazia a ferida do pinheiro e a resina caía para uns púcaros. Depois tínhamos que tirar desses púcaros para umas latas de 20 e 30 litros, 30 quilos. Então, era transportada. Naquele tempo, as mulheres, as raparigas, andavam a transportar aquelas latas à cabeça até onde chegava o carro. Aí a 7, 8 e 16 quilómetros do Piódão! Para Vide eram 16 quilómetros! Agora até já nem usam, mas antes a resina era aplicada para muitas coisas. O que agora fazem de material que vem de fora faziam, nesse tempo, com resina. Mas os ordenados eram baixos. Já se sabe que na aldeia não eram ordenados altos. Quando comecei, ainda andava a ganhar 16 escudos.

Depois disso ainda fui estar cinco anos em Lisboa a trabalhar na construção naval. Mas voltei para o Piódão para trabalhar na construção civil e na agricultura. Comecei no ano em que fizeram a padaria. Aí é que eu comecei a trabalhar na construção. Parti da construção como reformado por invalidez. Quando me reformei, ainda andava a ganhar só 90 escudos! E agora, mais tarde, trabalhei no comércio.

## **Migração *"Pensava que ia ganhar mais alguma coisa, mas foi ao contrário"***

Fui estar aqueles cinco anos lá em Lisboa, na construção naval, porque o trabalho era pouco. Um tio meu é que me arranjou esse trabalho. A partir dessa data, a rapaziada nova foi a quase tudo para Lisboa! Uns foram para a construção, outros para o comércio. Mas foi quase tudo para lá. A gente pensava que ia ganhar mais alguma coisa, mas depois foi ao contrário. Vim ganhar mais no Piódão do que estava a ganhar em Lisboa. Porque, claro, lá tinha que trabalhar só dois ou três dias por semana e na aldeia tinha trabalho todos os dias. Passados uns seis ou sete meses ainda fui lá outra vez, mas continuava a haver falta de trabalho. Então, voltei e permaneci sempre no Piódão.

Já há volta de três anos que estava lá em Lisboa quando casei com a minha mulher. Só lá andei mais dois anos, mas ela ficou cá. Naquele tempo, não era assim como agora. Depois de oito dias de casados, teve ela que ficar e eu tive

que ir para Lisboa! E a mulher tinha que estar sozinha na aldeia. Ainda foi lá estar comigo um mês, mas eu é que vinha visitá-la de vez em quando. Nesse tempo, tínhamos um mês de férias e eu vinha naquele mês. Vim para o Piódão no fim de 1959. E os meus filhos nasceram todos depois de eu estar na aldeia. O mais velho nasceu em 1960.

Por aí fiquei até agora.

### **Ofício "30 anos na Junta de Freguesia"**

Na aldeia começaram-me a puxar para as instituições. Primeiro para a Comissão de Melhoramentos, Posto Médico e depois para a Junta de Freguesia. Começaram-me a segurar lá e estive 22 anos como presidente da Junta! Estive lá a ser pago, sou um homem como os outros. Mas estive à frente da Freguesia 22 anos e ainda mais oito na Assembleia. Portanto, foram 30 anos na Junta de Freguesia. Desde as Comissões de Melhoramentos e depois à Comissão de Compartes, passei a quase por todas as instituições da freguesia.

Fiz muitas coisas. Sem possibilidades, às vezes! Tinha que recorrer ao particular para as fazer. Quando eu entrei para a Junta, em 1968, ainda não tínhamos estradas dentro da aldeia. Não tínhamos electricidade, não tínhamos saneamento, não tínhamos água ao domicílio. E eu, em 1969, comecei a tratar desses projectos. Eram quatro projectos que eu tinha na frente, mas só em 1976 é que foram participados. Em 1977 arranquei, então, com os trabalhos de regadio. Depois foi abastecimento de água, o saneamento e a electricidade. Mas só em 1980 é que ficou tudo concluído. O primeiro dia que chegou a luz foi um dia como os outros. Acenderam a luz na rua, pronto, toda a gente ficou satisfeita, toda a gente ficou alegre! Em 1979 já havia electricidade na mercearia, mas o projecto só ficou concluído em 1980. Nesse ano, ficou concluído também o saneamento e as águas.

### **Orgulho "Das primeiras freguesias com saneamento e luz"**

Entre a população há uns que agradeceram, outros não dão valor ao trabalho que uma pessoa fez. As deslocações que eu tive de fazer, o trabalho que eu levei para abrir as valas para os esgotos e uma coisa e outra... Muitos ainda me chatearam naquela altura, porque as ruas eram estreitas e eu tinha que lhes abrir a vala à porta. Para eles passarem para dentro de casa, tinha que improvisar uma passagenzinha. Outros, por causa das propriedades onde cultivavam o milho, não queriam que eu lhes arrancasse o milho para passar com as valas e com as

estradas. Ainda por aí passei um mau bocado. Mas felizmente sinto-me satisfeito, porque hoje toda a gente está satisfeita. Toda a gente já tem uma sanita em casa, já tem a água numa torneira. E, se eu não fosse teimoso naquela altura que conseguisse fazer as coisas, hoje talvez ainda não tivessem isso. O Piódão foi das primeiras freguesias do concelho de Arganil com saneamento e luz. Quando a luz chegou ao Piódão, ainda ficaram muitas do concelho sem serem electrificadas.

## **Pessoas *Gente que fez pela aldeia***

Eu ainda era presidente da Junta quando fizemos uma estátua ao cónego Nogueira. Era natural de Loriga, concelho de Seia. Mas, quando veio para o Piódão, ele era pároco, era um médico, era um professor, era como um engenheiro. Fazia a parte religiosa e fazia também partes de construção. Foi ele que marcou esses caminhos e essas estradas de umas aldeias para as outras. Trazia as pessoas na linha, ensinava-as e dava-lhes cultura. Trabalhou muito por a aldeia e merecia a estátua. Assim como havia outro, o padre Ilídio. Reconstruiu quase todas as capelas e ajudou na Comissão de Melhoramentos e tudo. Também houve alguém que solicitou que lhe fosse posta uma placa com o nome, eu fiz a proposta, o povo aceitou e pôs-se-lhe uma placa ao pé da igreja. Mais tarde, já foi depois de eu ser presidente da Junta, havia outro, tio meu, o padre Miguel. Também lhe puseram o nome numa rua.

## **Namoro "*Conhecemo-nos de miuditos*"**

A minha esposa nasceu ao pé da minha casa. Nós nascemos a 20 metros um do outro quase! Conhecemo-nos logo de miuditos. Falava-lhe todos os dias! Fui eu que a pedi em namoro, ela aceitou e a gente juntámos. Ela já não tinha pai, tinha falecido. Só estava a mãe. Pedi-lhe e ela é que teve de pedir autorização à mãe, se podia ou não podia namorar comigo. Falámos sempre! Desde que nascemos ou desde que nos conhecemos, falávamos sempre. Mas assim a respeito do namoro foi à volta de alguns dois anos.

Antigamente o namoro não era como agora. Conversava a namorar, pronto! Fomos namorando... O namoro era falarmos uns para os outros! E trabalhar! Passeávamos era aí por esses caminhos, mas não havia passeios para longe, não havia nada! Às vezes, seja para esta ou aquela pessoa, vigiavam-se se iam fazer bem, se iam fazer mal. Mas, naquele tempo, havia mais respeito. Não havia liberdade como agora há uns para com os outros.

## **Casamento "*Um fato que servia para vestir futuramente*"**

No dia do meu casamento estava a chover e a nevar! Mandei fazer um fato e ia vestido com umas calças, um casaco e a camisa. Ela mandou fazer outro e assim se foi à igreja. Eram novos mas, naquele tempo, não havia fatos assim como agora levam os vestidos. Mesmo a minha mulher era uma saia e uma blusa à maneira dela e pronto. Não era, como agora usam, com os vestidos a rasto por o chão. Era um fato que depois servia para vestir futuramente, num dia qualquer.

Convidou-se as pessoas, fomos à igreja e depois juntaram-se lá em casa do meu pai. Agora já não me recorda quantos convidados é que eram. Se eram 20 ou se eram 40, não sei. Mas era a sala cheia! Fizeram o almoço e o jantar e lá comeram e beberam. Naquele tempo, comia-se a chanfana, arroz-doce e outras comidas nesse dia.

## **Lugar "*Era assim que sobreviviam*"**

A maior parte da população do Piódão trabalha na agricultura. Antigamente cultivavam mais o milho. Agora é mais a batata, o feijão, as hortaliças, as alfaces e as cebolas. O milho já cultivam pouco, porque não cozem nos fornos como coziam naquele tempo. Há dois ou três que ainda cultivam milho para fazer a broa. Mas os outros já não, porque vêm os padeiros trazer o pão e agora já poucos o cozem. Dantes alimentávamo-nos do milho, das batatas, dos feijões e do centeio. De sete em sete anos cortavam as giestas desses giestais que se vêm nas encostas, queimavam aquilo e adubavam a terra. Era no mês de Setembro que queimavam aquela lenha, que servia depois de adubo para o centeio. Até havia pessoas que tinham mais centeio que tinham de milho. Depois, o que faziam era andar com sacas do milho às costas e com cestas das uvas à cabeça por esses mundos fora. E era assim que sobreviviam. Senão, o que vinha de fora não chegava. Naquele tempo, se queriam ir buscar as coisas às feiras, tinham que carregar tudo às costas a 14 quilómetros e mais. A mais próxima era em Vide, mas ainda são 16 quilómetros do Piódão para lá. Andavam esses quilómetros todos com as sacas do feijão e do sal às costas para as trazer. E, às vezes, traziam logo peixe para 15 dias, um mês. Era mais o carapau e a sardinha, mas não tinham arcas frigoríficas para as congelarem. Ainda me recordo que, às vezes, punham-nas a secar penduradas nessas varas de chapéus. Secavam a sardinha assim, pelo cheiro do fumo. E depois comiam-na para não se estragar.

Outros trabalham na construção civil e no comércio. Houve também a produção de aguardente. Tínhamos aí uma árvore chamada o medronheiro. Antigamente toda a gente apanhava aquele produto e fazia aguardente. Ao fim do

mês de Setembro começavam a apanhar. Durante o Inverno estava a fermentar e depois, em Janeiro e Fevereiro, faziam aquela aguardente. Mas agora já poucos utilizam aquilo. Há uma os novos não querem e os velhos que o apanhavam já não vão apanhar. E, como arderam os medronheiros, queimaram-se todos, o fruto agora ainda é pouco. Já não fazem aguardente dele. O mel também está mais a desaparecer. Já são só uns três ou quatro que estão a produzir. Mas estão mais a desaparecer, porque os novos não se dedicam às coisas e os velhos morrem... O mel desaparece.

### **"Todos trabalham sem haver barulho"**

Antigamente havia uns 14 moinhos que andavam a moer de dia e de noite! Depois alguns moinhos eram, por exemplo, de cinco ou seis herdeiros, outros de três ou quatro e todos lá coziavam. Começavam à segunda-feira e era até sábado à meia-noite! Só folgava ao domingo. Davam para toda a gente mas, quando era na época de Verão, é que era pior, porque a água era pouca. As pessoas, se queriam moer depressa, descarregavam-lhe mais grão. Às vezes tinham que estar ali três ou quatro horas para os porem a trabalhar. Mas os moinhos paravam, porque não davam despacho à farinha debaixo da pedra para fora. Agora, quando era no Inverno, a água chegava para todos. Era uma roleta! A gente já sabia quando era a nossa vez de ir ao moinho. Por exemplo, eu ia moer à segunda-feira, outra pessoa ia moer à terça, e outra ia à quarta. Depois havia moinhos que era de seis dias, moinhos que eram de nove dias e moinhos de 12 dias. Esses eram de 12 pessoas. daquelas 12 pessoas todas moíam naqueles 12 dias. No dia 13 já começava outra vez o primeiro a moer. Depois continuavam mais 12 dias. E depois ia outra vez para o primeiro. Chamavam "andada". Cada um sabia o dia que ia moer.

Com os fornos era igual. Deitavam-lhe o lume à segunda-feira e só paravam ao domingo. Nos outros dias andavam sempre a cozer. À segunda-feira começava a dar as vezes - chamavam eles "a dar as vezes". Hoje cozia eu e mais uma ou outra pessoa. Depois, de trás, coziavam já mais duas ou três pessoas. E assim se juntavam e iam cozendo. Andavam toda a semana a cozer broa! Para distinguirem o pão que ia para os fornos ao mesmo tempo, punham-lhe um sinal. Por exemplo, se eram três a cozer, uma fazia um buraquito com o dedo, outra apertava um bocadinho a massa - chamavam-lhe o belisco - e a outra ia lisa, sem nada. Já sabiam: as do buraco eram minhas, as do belisco eram de outra senhora, as que iam sem nada eram de outra. E assim se distinguíam as broas.

Agora, com os regadios, ainda é assim. A rega também está dividida por horas e cada um tem os seus dias para regar. Temos regadios que são de 15 dias. É certo: se calha a primeira vez à segunda-feira, até ao fim da rega é à segunda-

feira. Se calha à terça-feira, por exemplo, é sempre à terça-feira; se calha à quarta, é sempre à quarta. Mas há outros regadios que deitam dias à frente. Temos um de 16 dias e outro de 17. A levada de 16 dias, por exemplo, se calha à segunda-feira, para a outra vez já calha à terça. E à terceira andada já calha à quarta-feira. A levada de 17 dias, que fica em baixo da povoação, se desta vez entrou para o giro à terça-feira, para a outra já entra à quinta. Depois, para a outra vez, entra ao sábado e, para a outra, calha à segunda. Já vai alternando dois dias em cada andada. Cada período de 17 dias aumenta dois. Faz de conta que eram 17 pessoas. Cada uma regou naqueles 16 dias. No dia 17 já é era o primeiro outra vez. Cada pessoa só pode regar naqueles dias ou naquelas horas que tem ou pode trocar com outro. Por exemplo, se o que rega à terça-feira tem água a mais, troca com outro que rega depois daí a oito dias. E, para a outra terça-feira, trocam outra vez: um dá a um, outro dá a outro. Cada um rega as suas propriedades à vez. Mas, nestas três levadas, a água está sempre a correr de dia e de noite e chega para todos. Há uma que se vê a correr entre as casas. De manhã tapavam uns até à meia-noite. Da meia-noite até ao meio-dia era de outro. Do meio-dia às 13 já é de outro. Das 13 às oito já é de outra pessoa. E, assim, o de adiante já sabe a que hora há-de tapar. Não é preciso ir procurar o vizinho e chiar com o assunto. Chega àquela hora, vai tapar para o que é deles. E assim todos trabalham sem haver barulho uns com os outros. E agora ainda menos, porque não regam de noite. Dantes estava tudo cultivado, tinham que regar de dia e de noite. Mas agora não está a terra toda cultivada. Já não é preciso.

Naquele tempo, juntava-se mais o povo. Por exemplo, à noite, iam para minha casa e debulhávamos 20 ou 30 alqueires de milho. Amanhã íamos para casa de outro, a mesma coisa. Depois, ao outro dia, para casa da outra. Então, cantavam! Aqui pouco usavam isso, mas havia terras que, quando aparecia uma espiga vermelha, começavam a dar beijos uns aos outros. Era assim: um dia para um, outro dia para outro.

### **"Um curandeiro que estudava as ervas"**

Para tratarem da saúde, havia aqui uma pessoa, um curandeiro, que estudava as ervas a quase tudo. Era o Francisco Lopes Pacheco. Até tem o nome numa rua da aldeia, perto da casa onde ele esteve. Naquele tempo chamavam um barbeiro, mas ele não fazia barbas. Dava uns medicamentozitos que estudou por os livros. Ainda esteve no Piódão uns anos e, por aqueles livros, ele via o que é que era bom e o que é que era mau. Já o pai dele também tinha os livros e com eles aprendeu. As pessoas curavam as constipações com chás de sabugueiro e com uma e outra erva que esse curandeiro dava. Eram como se fossem os remédios da farmácia.

## "O doutor ficou sempre amigo do barbeiro"

*Depois começou a vir um senhor chamado doutor Vasco de Campos, que era de Avô. Mas, quando cá veio o primeiro médico, lá esse doutor Vasco de Campos, foi o barbeiro que o mandou vir. Foi para a minha avó. Ela fez um golpe no pé e depois foi para o curral das ovelhas. Com aquela sujidade, aquilo infectou e ela apanhou uma infecção. Então, ele mandou vir o médico, mas disse-lhe logo para ele trazer um medicamento. Ele trouxe e, quando chegou à aldeia, praticamente era aquilo que o homem tinha dito que era preciso trazer. O medicamento adequado para a infecção foi o que o curandeiro mandou o médico trazer. Tanto que depois o doutor ficou sempre amigo do barbeiro, por causa de ver que ele que sabia.*

Quando, mais tarde, começou a vir o doutor Vasco de Campos, eu ainda fui algumas vezes buscá-lo ao caminho com uma égua. Onde ele saía do carro, estava lá um animal para ele vir a cavalo e, assim, é que começou a vir à aldeia. Mas antes não. Já me lembro que, uma vez, um senhor que morava numa casa ao lado da minha ficou doente. Então, tiveram que atar dois paus - chamavam eles um esquite - e quatro homens levaram-no daqui até Pomares para ir para o médico! E depois, a partir daí, tinham que ir para Arganil e para Coimbra.

## Virtudes e embaraços de uma aldeia turística

Por um lado, a aldeia está melhor agora, porque já tem tudo o que é preciso. Antigamente não tinha estradas. Foi a Comissão de Melhoramentos que deu início ao projecto para a estrada vir do alto de Chãs d'Égua para o Piódão, até ao largo. Com alguma coisa que iam angariando, construíram também aquelas casas acima da aldeia e puseram, em baixo, a piscina (que agora está alagada com entulho). Dantes a Comissão fez muito, mas agora, ultimamente, pouco tem feito. A Junta de Freguesia também já tem mais poderes, já tem mais verbas para fazer as coisas e a Comissão de Melhoramentos começou a afastar-se um bocadinho. Mas já toda a gente tem água em casa, onde fazer as necessidades e electricidade. E, noutro tempo, não havia luz, era com a lanterna na mão.

Por causa da estrada, vieram os turistas. Para uns foi bom, para outros foi mau. Porque primeiro estava toda a gente sossegada. As pessoas conhecem-se de uma ponta à outra da aldeia e todos por os nomes. As chaves estavam sempre nas portas e tudo corria bem. E agora já não pode ser assim, porque vêm uns de boa intenção mas, às vezes, outros com má. Por enquanto, ainda se não deu muito.

Mas, teve de ser, tirámos as chaves das portas, porque algumas não chegaram a aparecer mais.

O Piódão é uma aldeia como as outras. Eu nunca cheguei a saber assim de onde é que partiu esse nome, mas sei que começou, em baixo, aí a 3 quilómetros. Depois vieram vindo e rompendo as propriedades e, mais tarde, é que se fixaram onde hoje está a aldeia. É um sítio importante para mim. Então, se a gente se lembrar do tempo que passou em Lisboa... Mas, se estamos aqui habituados, a gente já topa que as pessoas que vêm visitar dão valor e os da aldeia já não ligam. Por isso, os visitantes são importantes. Se não fosse o turismo, era uma aldeia morta como outras aí da região.

## ***Costumes Tradições do Piódão***

### **Festas aos Santos**

Não sei se no Piódão há algum santo, mas imagens há muitas! A padroeira da freguesia é a Senhora da Conceição e da aldeia é o São Pedro. No dia 29 de Junho, fazem sempre festa ao São Pedro. À Senhora da Conceição fazem no terceiro domingo de Agosto. Antigamente vinha a música dos vários lados, da Aldeia das Dez, de São Gião, do Paúl, Foz d'Égua e por onde calhava... Hoje, na Senhora da Conceição, ainda há um dia em que saem as imagens todas, algumas 14, levam os andores e sai a procissão até ao cemitério. Mas antigamente também faziam a Procissão das Velas no sábado à noite, na véspera. Então, deitavam foguetes e faziam o arraial. Nesse dia, sempre guardavam e arranjavam qualquer coisa diferenciado dos outros dias. Hoje já se come todos os dias a quase mas, naquele tempo, matavam uma cabra ou uma ovelha e a chanfana era a quase só por as festas. Noutro tempo, ainda havia muitos bailes. Não eram as modas como hoje, mas dançávamos o fado e outras modas mais. Agora tudo isso acabou. Desde que vieram as televisões e assim, acabaram os bailes.

Também me lembro da procissão das ladainhas. As ladainhas eram uma oração que faziam nas entre vésperas de Quinta-Feira da Ascensão. Nesse tempo, ainda era dois dias aqui no Piódão, um dia à Capela de São Pedro, outro na igreja, e um dia ia até Chãs d'Égua. Iam em procissão e o pároco dizia as ladainhas. Chamavam as rogações. De vez em quando, ainda fazem e ainda hoje as rezo. Mas agora, sem começar logo de princípio, não sei explicar bem como é que era. Sei que evocavam os santos e a ladainha era dividida em três partes. O padre dizia e o povo respondia: «te rogamus, audi nos» ou «rogamus, audi Domine». Diziam para rezar aquelas preces para pedir água e sol. Uma vez até foram numa



procissão do Piódão até ao Tojo para pedir chuva, que não chovia. Mas depois apanharam uma molha no caminho!

## **Natal e Páscoa**

O Natal era um dia como os outros. Mas a fogueira do Natal, essa faziam-na sempre! Agora fazem no largo do Piódão, mas antes era na Capela de São Pedro. E eu ainda acendia muita vez à minha porta. Então, iam buscar lenha e, pumba, faziam uma fogueira e uma patuscadazita com carnes ou bacalhau. Servia para a rapaziada se juntar, se distrair, para brincar e conviver na boémia. Nesse tempo o Natal era em casa, mas conviviam as famílias umas com as outras. Quando era pelo Natal, pelo Ano Novo reuniam as famílias e conviviam mais que agora. Agora não, é mais individualismo. Houve uma altura que estive um padre a residir na freguesia e celebravam a missa à meia-noite. Mas foi pouco tempo. Depois já não celebravam a missa do galo. E agora também não, porque o padre não está no Piódão.

A Páscoa é comes e bebes como o Natal. Lá se juntam mais os familiares que vêm, às vezes, de Lisboa, mas é um dia como os outros. Na Quaresma ainda faziam a Via Sacra nos sete dias da semana. Acendiam-se, salvo erro, 14 imagens que estão na igreja e em cada imagem faziam uma paragem e rezavam a parte que pertencia àquele santo. Acho que foi só uma vez que houve um padre que lavou os pés aos homens da aldeia para imitarem Jesus Cristo, mas não era tradição do Piódão. Depois, no Domingo de Ramos, levavam uns ramos à igreja. Quando era no dia 3 de Maio - Dia de Santa Cruz - iam colocar esses ramos bentos nos campos e nas searas. Faziam umas cruzes e até havia pessoas que punham também na padieira da porta das casas. Diziam que era para proteger das trovoadas e não sei quê. Tinham aquela crença que as trovoadas não atacavam tanto nas colheitas. Umás vezes resultava, outras vezes não.

## **O jogo das cartas**

Fala-se muito em jogos típicos do Piódão, mas o jogo das cartas esse é que era tradição. Às vezes, à noite, para passar aí um bocado de tempo, juntavam-se nas tabernas e jogavam as cartas. Eu nunca fui amante do jogo, mas eles diziam: - "Vamos jogar uma suçada! Vamos jogar uma biscada!"

E lá se juntavam! Estavam quatro pessoas ou seis a jogar as cartas e a divertirem-se. Às vezes, horas e horas! Não tinham outra coisa com que se distrair, não havia televisão, não havia nada.

## **Histórias de guerrilhas**

Nunca conheci muitas lendas, muitas histórias. Mas a do João Brandão toda a gente sabe. Eles vinham para a aldeia com uns cavalos e punham-nos a roer nas arcas o milho que as pessoas lá tinham e tudo. Também havia um que chamavam "Oliveirão". Era natural do Piódão. Havia dois partidos e eles andavam com guerrilhas uns com os outros. E a outra guerrilha que veio é que o levou morto depois. Mataram-no em Chãs d'Égua por serem do contra. Era como agora, por exemplo, em Angola e em Moçambique, uns contra os outros.

## **Sonhos *Uma casa para convívio***

Agora, para mim, o que tinha a realizar já está realizado. O meu sonho foi ter concluído os trabalhos na aldeia para bem da população. Mas há uma casa no Piódão que ainda está por acabar. O meu gosto era vê-la também pronta. Já que fui eu que lhe dei princípio, gostava de lhe ver dar o fim. Quando eu fiz, era para escolas e para convívio. Mas agora já não há alunos há alguns cinco ou seis anos. Já não há crianças e as que há vão para a Ponte das Três Entradas. E a casa está abandonada.

## **Avaliação "*História das pessoas mais velhas*"**

Acho que é bem quererem saber a história das pessoas mais velhas. Quem não conhece as histórias, fica a conhecê-las. Embora não seja em pormenor, mas ficam a conhecer um bocado do que era o Piódão antigamente e o que é agora. Aquilo que não sei não posso dizer, mas aquilo que sei gosto de contar.